



# ALTERIDADE NA PROGRAMAÇÃO TELEVISUAL: um estudo sobre abordagens da diferença nas emissoras abertas e fechadas brasileiras

**AUTORES:** Julia villar meniquetti e Sofia Bartolomeu Tavares  
**Segundo autor e orientador:** José Augusto Mendes Lobato

## INTRODUÇÃO

A televisão brasileira segue desempenhando papel central na construção de sentidos sobre o outro e na mediação das diferenças culturais. Este estudo analisa como produtos televisivos de diferentes naturezas articulam narrativas de alteridade. A investigação integra uma pesquisa mais ampla (2024–2025) sobre estratégias narrativas, discursivas e de representação da diferença no audiovisual brasileiro.

## OBJETIVO

- \* Examinar como a alteridade é construída em programas televisivos brasileiros;
- \* Identificar estratégias narrativas e discursivas presentes nos produtos analisados;
- \* Relacionar essas estratégias a conceitos de representação, identidade e narrativa midiática;
- \* Contribuir para o debate sobre como a mídia produz e enquadra o outro.

## METODOLOGIA

- \* Análise qualitativa da grade de TV entre 24/02 e 03/03/2025 em oito emissoras (abertas e fechadas).
- \* Classificação dos programas segundo Aronchi de Souza (2004) para definição de gêneros e formatos.
- \* Seleção de dois produtos para análise aprofundada:
  - LGBT+60: Corpos que Resistem – Denise Taynáh (Futura)
  - Jornal da Record – edição de 24/02/2025
  - Avisa Lá que eu vou– Paulo Vieira (GNT)
  - Jornal Nacional–Edição de 24/02/2025
- \* Aplicação de dois referenciais analíticos:
  - Estruturas de narrativas de alteridade (Lobato, 2018);
  - Análise narrativa do telejornalismo (Motta, 2005).
- \* Interpretação dos achados à luz de Hall, Silverstone e Adichie.

## RESULTADOS

A análise da programação televisiva mostrou diferenças marcantes entre emissoras abertas e fechadas. O Futura privilegia narrativas de escuta e protagonismo, como no episódio LGBT+60, que apresenta Denise Taynáh a partir de sua própria voz, memória e cotidiano. Já o Jornal da Record (24/02/2025) organiza suas matérias seguindo um modelo institucional, com forte presença de fontes oficiais e pouco espaço para sujeitos socialmente marcados. Esses padrões sugerem que a televisão aberta tende a reforçar distâncias simbólicas, enquanto a fechada produz narrativas mais próximas da experiência individual.

## ANÁLISE

### Futura – “LGBT+60: Corpos que Resistem – Denise Taynáh”

O episódio constrói uma narrativa centrada na trajetória e no corpo da personagem, valorizando sua agência. O uso de depoimentos diretos e cenas íntimas aproxima o público e evita enquadramentos estereotipados. A estrutura reforça protagonismo e reconhecimento, alinhando-se ao que Lobato (2018) descreve como narrativas de alteridade baseadas na escuta e na afirmação identitária.

*“Avisa Lá Que Eu Vou” – Paulo Vieira (GNT)*  
O programa constrói uma narrativa que combina humor, deslocamento e escuta ativa para iluminar histórias que raramente ganham centralidade na TV aberta. Paulo Vieira aproxima o público dos entrevistados ao ocupar um lugar de curiosidade e vulnerabilidade, favorecendo um olhar horizontal. A estrutura aposta em encontros reais, não roteirizados, criando espaço para que identidades diversas falem de si mesmas, em seus próprios termos. O foco é sempre o outro em sua singularidade, evitando caricaturas e estereótipos. Assim, o programa opera dentro do que Hall (1997) chama de “produção de sentidos pela diferença”, e se alinha ao que Lobato (2018) descreve como narrativas de alteridade construídas pelo reconhecimento e pela mediação ética da escuta.

### RECORD – JORNAL DA RECORD (24/02/2025)

A edição segue o formato clássico: abertura, manchetes, blocos temáticos e fechamento. As reportagens enfatizam segurança pública, conflitos sociais e ações governamentais. Conforme Motta (2005), esse modelo prioriza objetividade institucional e organiza o real por meio de conflitos e soluções. A presença de fontes oficiais domina a narrativa, enquanto sujeitos afetados aparecem como personagens periféricos. Isso reforça uma alteridade distanciada, próxima da “história única” mencionada por Adichie.

*Jornal nacional– Globo*  
A edição analisada segue a lógica tradicional do telejornalismo, mas incorpora elementos que aproximam o público das experiências retratadas. Mesmo dentro da estrutura objetiva, a presença de personagens comuns e depoimentos breves introduz nuances de humanidade, permitindo que o espectador reconheça o outro para além dos fatos. A mediação visual — por meio de closes, ambientações curtas e ritmo controlado — contribui para o que Hall (1997) entende como produção de sentidos pela representação. Assim, ainda que marcado pela formalidade, o telejornal reforça uma dimensão de alteridade, alinhada ao princípio de reconhecimento apontado por Lobato (2018).

## CONCLUSÃO

Os resultados indicam que a televisão brasileira ainda produz representações desiguais da alteridade. Enquanto o Futura constrói narrativas mais horizontais e baseadas na experiência, o telejornal da Record reproduz um enquadramento institucional que limita a voz dos sujeitos retratados. A pesquisa confirma a relevância da mídia na formação das identidades e reforça a necessidade de ampliar espaços de fala para evitar reduções e estereótipos.

## AGRADECIMENTOS

Agradecimentos ao Grupo de pesquisa Altermidia e ao professor orientador José Augusto Mendes Lobato

## BIBLIOGRAFIA

- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise do telejornalismo. 2005.
- SILVERSTONE, Roger. Por que estudar a mídia? ADICHIE, Chimamanda. O perigo de uma história única.
- LOBATO, José Augusto Mendes. A narração de alteridade na ficção e na grande reportagem. 2018.
- ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. Gêneros e formatos televisivos. 2004.